

Minha filha

Tínhamos acabado de nos sentar à mesa. Ela estava à minha frente. Minha esposa, sentada ao lado, perguntou por que eu a olhava em silêncio, sem dizer nada.

Perguntou se havia um motivo, uma condição, algo que tivesse concentrado minha atenção daquele jeito.

Eu comia meu cachorro-quente — a melhor coisa que eu podia ter, mesmo na Itália — e meus olhos procuravam os dela. Giorgia. Minha filha. Tentando entender o que ela continha.

Ela era, de verdade, uma parte de mim. Minhas imperfeições dentro de um corpo perfeito. Uma mente refinada. Uma mulher.

A certa altura ela se levantou para contestar algo que eu havia dito antes — quase para me corrigir, com aquele jeito dela, aquela personalidade — e tentou dar alguns tapinhas nos meus ombros. Do tipo que as mães dão nos filhos.

Mas eu era apenas o pai dela. E sorri, pensando que tinha ao meu lado outra mulher, depois da minha mãe, com a mesma incumbência: não me proteger, mas me controlar. Esse era o meu destino.

Perguntei-me por quê. O que era, de fato, a minha alma. Quem eu estava representando naquele momento. Perguntei-me, sinceramente, quem diabos eu era.

A mesma pergunta que fazem as pessoas que me conhecem. As que me leem. E talvez um dia, de algum canto de Nova York, elas me vejam com um carrinho, distribuindo cachorros-quentes na rua — só pela alegria de ver as pessoas sorrirem. Como sempre foi, por 61 anos. Sem preço nenhum para ninguém.

Porque é isso que eu sou.

Nando

Ferdinando Frega — gillettenarrative.com